DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.763

# Mulheres pioneiras da psicanálise: autorizações e desautorizações[1]

## *Pioneering women of psychoanalysis: authorizations and disauthorizations*

*Renata Udler Cromberg*[*]

**Resumo**

O texto discute o apagamento histórico das mulheres na construção da psicanálise e a necessidade de reconhecer suas contribuições teóricas. A partir dos exemplos de Gisèle Pelicot e Edith Eger, destaca-se a capacidade de transformar experiências traumáticas em processos de reconstrução subjetiva. Em seguida, analisa-se a desautorização de pioneiras da psicanálise, cujas produções foram obscurecidas por fatores institucionais e de gênero. São destacadas as trajetórias de Emma Eckstein e Sabina Spielrein, cujas contribuições foram frequentemente reduzidas às suas relações com figuras masculinas. A autora defende a recuperação da memória dessas mulheres como forma de construir uma história da psicanálise mais plural, inclusiva e comprometida com o reconhecimento da autoria feminina.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Autoria feminina. Desautorização. Mulheres pioneiras. Memória histórica. Subjetividade. Feminilidade.

***Abstract***

*The text discusses the historical erasure of women in the development of psychoanalysis and the need to recognize their theoretical contributions. Drawing on the examples of Gisèle Pelicot and Edith Eger, it highlights the ability to transform traumatic experiences into processes of subjective reconstruction. It then examines the deauthorization of pioneering women in psychoanalysis, whose work was obscured by institutional and gender-related factors. The trajectories of Emma Eckstein and Sabina Spielrein are emphasized, as their contributions were often reduced to their relationships with prominent male figures. The author argues that recovering the memory of these*

1. Palestra apresentada no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro em 16 de maio de 2026 em mesa redonda com Jô Gondar.

[*] Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é articuladora do Grupo Winnicott – estudos e pesquisa. Membro do grupo de estudos Comunidade de destinos – Ferenczi e Freud. Doutora e pós doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Professora convidada do Curso de Teoria Psicanalítica do COGEAE/PUC-SP. Graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sandor Ferenczi e da Associação Internacional de estudos sobre Spielrein. São Paulo, SP, Brasil. renatauc@uol.com.br

*women is essential for building a more plural, inclusive, and gender-sensitive history of psychoanalysis.*
***Keywords:*** *Psychoanalysis. Female authorship. Disauthorization. Women pioneers. Historical memory. Subjectivity. Femininity.*

## Gisele Pelicot

Parece que Gisele Pelicot veio estabelecer um novo paradigma no movimento feminista e feminino: a vergonha tem que mudar de lado. A vergonha não pode estar do lado das mulheres vítimas de violência sexual, mas tem que estar do lado dos homens agressores na violência sexual. Se analisamos o belo e importante livro[2] que ela escreveu, além das notícias, percebemos uma operação subjetiva fundamental que essa mulher realizou: descolar-se do corpo abjeto, da identificação com o seu corpo tornado abjeto pelos agressores. O momento em que ela decidiu tornar públicos os crimes realizados pelos 51 estupradores, mudou tudo. Ela deixou de ser o corpo vitimado e se tornou agente de uma mudança. Ela o decidiu motivada pelas inúmeras cartas de apoio de mulheres que recebia, por finalmente entender os movimentos femininos e feministas contra a misoginia e a violência contra as mulheres com que antes ela simpatizava à distância, de maneira morna, mas sobretudo por ver, num dos intervalos do julgamento, a vilania, desfaçatez e cumplicidade falante e risonha dos réus no café do tribunal, certos de que o anonimato ao grande público lhes seria favorável. Seus filhos exultaram. Ela teve que assistir a todos os vídeos dos estupros, filmados por seu marido, por causa da sua decisão, coisa que ela não tinha feito até então. Pediu apenas que seus filhos e seu novo companheiro deixassem a sala quando eles fossem apresentados, e ela baixava os olhos no tribunal no momento em que os filmes-provas eram exibidos. Mas antes do julgamento mesmo, ela já havia feito um deslocamento ao encontrar e inventar um novo amor com seu vizinho da casa de praia onde se exilou, quando perdeu a possibilidade de ficar em sua casa sonhada na aposentadoria, depois de uma vida de trabalho e autonomia, numa pequena cidade, onde era até então esposa, mãe e avó, como foram sempre seus desejos. Cinquenta anos de casamento estão revistos no livro, uma tentativa de não jogar fora totalmente sua vida, depois que os crimes hediondos do Sr. Pelicot foram descobertos. Finalmente a autoria de sua história, em colaboração com uma escritora, para trabalhar a cisão entre uma vida antes e uma vida depois, maneira de tentar compreender o incompreensível ato de seu agora ex-marido, mas também resgatar para si a memória da vida durante o casamento, que ela não poderia deixar ir embora junto com o corte absoluto com ele. Aliás, Freud ficaria abismado com o sr. Pelicot. Se em *Sobre uma degradação geral da vida erótica* (1912/1973, p. 1710-1717) ele, ao tratar a neurose, propõe que haveria em al-

2. PELICOT, G. *Um hino à vida*, São Paulo, companhia das Letras, 2025.

guns homens neuróticos uma separação entre a corrente da ternura e a corrente sexual, ficando inibida a possibilidade de vida sexual com a mulher amada e só possível com a prostituta, aqui nós temos a junção num mesmo corpo das duas correntes, desde que o objeto não fosse mais sujeito sexual, mas sim um corpo transformado em boneca inanimada. O sr. Pelicot criticava as recusas da sua esposa de realizar fantasias sexuais que ele tinha, chamando-a jocosamente de Santa. Pois bem, ele as realiza com ela desacordada, transformando-a em objeto pornográfico, juntando a santa com a puta. Uma de dia, a outra de noite à sua revelia. Mas aqui temos uma novidade: ao se deslocar do corpo abjeto, ele ficou do lado dos estupradores. É deles o corpo pornográfico, desumanizado ao extremo. Gisele não saiu ilesa, mas ao fazer este deslocamento pôde recuperar de forma extraordinária e inspiradora sua dignidade de mulher.

## Edith Eger

Ela faleceu aos 99 anos em abril de 2026. Sobrevivente de Auschwitz, escreveu sua história no livro *A bailarina de Auschwitz* uma vez que era bailarina quando lá chegou e o médico-monstro Joseph Mengele a mandou dançar para ele. Nunca mais dançou. Única sobrevivente de sua família, tornou-se psicóloga especializada em transtorno do stress pós-traumático, além de especialista em infância e terapia sexual. Numa entrevista, já avó, ela diz que uma parte dela ficou em Auschwitz, não a maior e não a melhor. Quando foi perguntada[3] se ela perdoava seus algozes pelo que lhe fizeram, ela respondeu: "Eu perdoo a mim mesma por não permitir que eles tenham mais residência no meu corpo. Eu os libero. Não se trata de perdoá-los pelo que eles fizeram a mim. Mas me libertar porque eu sobrevivi e investi minha energia no futuro. Ser uma sobrevivente é ser flexível, dobrar-se e não ser rígida. O ódio alimenta o ódio. Não tenho tempo para odiar. Eu não esqueço o que aconteceu comigo. Eu posso não ultrapassar isso. Eu fui capaz de integrar. Demorou 40 anos e eu ainda não terminei."

## Mulheres pioneiras da psicanálise da primeira geração

De acordo com uma concepção geoarqueológica da história, passado e presente se articulam. Um interesse ou configuração do presente pode se unir a al-

3. EGER, E. Entrevista publicada pelo Instagram, no dia de sua morte em 26 de abril de 2026.

gum documento que, como ruína, se constitui num *achado arqueológico* que, por sua vez, constitui um campo de escavação onde surgem novas camadas de épocas passadas que transtornam as relações históricas habitualmente estabelecidas em compreensões únicas e hegemônicas, criando novas ligações. Esta concepção pensa na pulsação do magma pulsional singular e coletivo que faz irromper novas configurações de desejo, ressignificando, *a posteriori*, fragmentos e materiais teóricos ou conceituais já existentes, em novas relações de compreensão cada vez mais múltiplas, complexas, inclusivas (CAROPRESO; CROMBERG, 2025, p. 7-8). No que começo a contar para vocês há pelo menos três achados arqueológicos.

Um campo que começou tardiamente a ser explorado é o das mulheres na história inicial da psicanálise. Durante boa parte da história dessa disciplina, as primeiras mulheres que ingressaram nesse campo e ajudaram a constituí-lo foram apagadas porque permaneceram na sombra de homens, em especial Freud, Jung e Lacan, mas também de outras mulheres que, por razões institucionais, pessoais, políticas, ganharam proeminência no movimento psicanalítico. Sayers, por exemplo, em seu livro "Mães da Psicanálise" elegeu de forma arbitrária Melanie Klein, Anna Freud, Helene Deutsch e Karen Horney como as matriarcas dessa disciplina (CAROPRESO; CROMBERG, 2025). No entanto, outras mulheres, décadas antes, se tornaram psicanalistas, publicaram sobre psicanálise e participaram ativamente de associações psicanalíticas: Emma Eckstein, Margarete Hilferding, Sabina Spielrein, Hermine Hug-Helmuth, Eugenia Solkonika, Barbara Low, Lou Andreas-Salomé, Tatiana Rosenthal e Vera Schmidt.

Desde o início do século XX, em uma época em que lutavam por direitos simples, como a inserção no mercado de trabalho, na universidade e na política, essas mulheres se tornaram psicanalistas. Essas pioneiras não apenas trouxeram um olhar diferente sobre a sexualidade e a psicanálise com crianças, como também questionaram premissas básicas, defendidas por Freud desde o início de sua teoria, construíram metapsicologias próprias e estenderam a abordagem psicanalítica a novos campos. A historiografia mais recente da psicanálise está progressivamente trazendo à luz várias dessas psicanalistas que permaneceram esquecidas, subestimadas, ou que foram apenas lembradas devido a fatores biográficos e pessoais. Circunstâncias socioculturais, políticas e econômicas específicas possibilitaram a entrada das mulheres nos movimentos psicanalíticos em Zurique, Viena, Berlim e Budapeste (CAROPRESO; CROMBERG, 2025). No início do século XX, a psicanálise era bastante receptiva às mulheres, em comparação com outros campos científicos. Essa abertura

coincidiu com a primeira onda do movimento feminista na Europa, o que trouxe uma mudança nas expectativas sociais e nas representações culturais das mulheres. No entanto, a vida de várias dessas pioneiras, assim como de grande parte dos psicanalistas da primeira geração, foi interrompida ou alterada pela Primeira Guerra Mundial, pela ascensão do antissemitismo e do nazismo no período entre guerras, pela Segunda Guerra Mundial e, finalmente, pelo Holocausto (NASZKOWSKA, 2025).

A morte trágica de várias das psicanalistas traz à tona a importância da reflexão sobre as forças históricas que atuaram no esquecimento de suas pessoas e obras. Essas forças se relacionam àquilo que é marca simbólica da sua corporeidade como mulheres, russas, polonesas, vienenses, a maioria judia, e aos seus fantasmas pessoais. Também se relacionam às forças instituintes coletivas do movimento psicanalítico, em seus primórdios, que iam determinando os rumos dos ideais do novo campo de saber, o que também era perpassado não só pelas práticas psicanalíticas nascentes, mas também pela política institucional e pela política da teoria nascente. A refundação da IPA em 1925, com a instituição de normas e a análise didática e o papel central que Ernst Jones foi tendo nela ainda com Freud vivo e sendo o primeiro biografo da vida de Freud e do movimento psicanalítico, além do deslocamento do eixo central do movimento psicanalítico de Viena para Londres, tiveram um papel central no apagamento de vários personagens conceituais importantes da psicanálise como Sandor Ferenczi e as primeiras psicanalistas. Assim, as forças históricas que atuaram no esquecimento da pessoa e da obra dessas psicanalistas são forças políticas gerais, que fizeram intersecção com forças políticas institucionais específicas e com forças políticas culturais. Elas compõem camadas de compreensão da repressão ou supressão que está na base do processo de sua inicial marginalização histórica (CAROPRESO; CROMBERG, 2025)

As primeiras psicanalistas entraram em espaços dominados por homens, destacando-se por seu brilhantismo e sofisticação teórica. Admitir a primazia e reconhecer o valor de suas contribuições poderia ser visto como um abalo nas estruturas de poder por parte de seus colegas homens (CAROPRESO; CROMBERG, 2025). Graças ao trabalho de muitos pesquisadores, a importância da obra dessas pioneiras vem sendo recuperada, estudada e integrada à reserva conceitual psicanalítica que se formou nos últimos 125 anos, onde se encontra a antologia organizada por mim e Fátima Caropreso, *Mulheres pioneiras da psicanálise: uma antologia.*

Apresento duas delas que mostram muito bem a questão das autorias e desautorizações.

Quero, porém, salientar o quão importante tem sido o resgate de psicanalistas brasileiras pioneiras e quem sabe, a publicação de uma antologia de seus textos seja algum dia possível: Adelheid Koch e Catarina Kemper, estas estrangeiras fundadoras em São Paulo e Rio, Virginia Bicudo, a primeira analisanda de Adelheid e de importância crucial para a introdução do pensamento teórico-clínico kleiniano, Clara Lichtenstein Luz, que tendo completado 100 anos em 2025 é a psicanalista mais longeva do país e também foi analisada por Adelheid, Lygia Alcantara do Amaral e Marialzira Perestrello. Além de Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza também foi pioneira em introduzir as questões da negritude como marca da subjetividade.

## Emma Eckstein (1865- 1924)

A primeira psicanalista de que se tem registro foi a vienense Emma Eckstein. Desde o fim do século 19, ela trabalhou por vários anos como psicanalista, e publicou alguns textos, inclusive o pequeno livro *A questão sexual na educação da criança*, de 1904 que acabou de ser publicado em português, primeira tradução de um texto que só existia em alemão. Richard Simanke se fez arqueólogo ao garimpar a primeira edição deste livro, um achado arqueológico. Utilizo aqui as pesquisas de Richard Simanke (2025), Carlos Bonomi (2021) e Adela Stoppel de Gueller (2021).

Eckstein é um dos exemplos mais claros de uma mulher cuja atuação na psicanálise foi ofuscada por seu histórico como paciente e outros fatores biográficos. Tendo sido diagnosticada de histeria, foi tratada por Freud por alguns anos, a partir de 1892, e é uma das personagens envolvidas no célebre "sonho da injeção de Irma", que Freud elegeu como modelo de sua compreensão dos sonhos. Além disso, o seu é um dos casos clínicos em torno dos quais Freud articulou a sua "teoria da sedução". Na segunda parte do *Projeto de uma Psicologia para neurólogos* (1895/1950/1973, p. 209-276), Freud utiliza o caso clínico de Emma para exemplificar sua teoria da sedução e sua concepção de que o trauma atua em dois tempos. Um dos episódios mais conhecido de sua vida foi a cirurgia de cornetos nasais, à qual ela foi submetida por Wilhelm Fliess, a partir do encaminhamento de Freud – que também era paciente de Fliess e compartilhava suas crenças excêntricas sobre a relação entre os órgãos reprodutores e o sistema respiratório. Essa cirurgia colocou-a em risco de vida e produziu uma desfiguração permanente de seu nariz, o que, no entanto, não a afastou de Freud. Em 1897, mesmo sem formação universitária, Eckstein co-

meçou a tratar pacientes neuróticos usando as técnicas freudianas. Há evidências de que Freud a instruiu na teoria e na prática da psicanálise e encaminhou-lhe pacientes, o que teria feito dela a primeira mulher psicanalista (SIMANKE, 2025). Contudo, durante grande parte da história dessa disciplina, apenas o papel por ela desempenhado como paciente, seu papel no sonho princeps da injeção de Irma da *Interpretação dos sonhos* e sua catastrófica cirurgia foram focados (SIMANKE, 2025).

Desde jovem, Eckstein se juntou ao movimento feminista austríaco nascente e publicou sobre esse tema. Em outubro de 1900, ela publicou uma resenha do livro de Freud *A interpretação dos sonhos*. Embora cautelosa com relação à universalidade da tese do sonho como realização de desejo, ela enfatiza a contribuição que a investigação propiciada pela análise do sonho traz à compreensão das partes obscuras da mente e à solução dos problemas de saúde mental (SIMANKE, 2025).

No livro *A questão sexual na educação da criança*, Eckstein une sua postura feminista ao conhecimento psicanalítico e a certas concepções pedagógicas próprias. Embora enfatize no livro os perigos da masturbação infantil e a necessidade de evitá-la, apresentando posicionamentos radicais em alguns pontos, ela discute – de forma muito interessante – como o esclarecimento da criança acerca de questões sexuais deve ser conduzido pelos pais, além de abordar outras questões ainda pertinentes. Nele, ela dialoga com a literatura médica e psicológica da época e defende, veementemente, que as mulheres devem ter acesso à educação (ECKSTEIN, 1904/2025, p. 31-64). Simanke (2025) comenta que Freud guardou uma cópia desse livro em sua biblioteca, na qual se pode ler a dedicatória "Ao Prof. Sigmund Freud, meu venerado professor, com sincera gratidão". Não podemos esquecer que ela escreveu sobre sexualidade infantil um ano antes de Freud publicar *Três ensaios para uma teoria sexual.*

Mas o texto de Eckstein sobre os perigos da masturbação e a ênfase na educação das crianças ganha um sentido maior se considerarmos o que se descobriu sobre sua vida e tratamento psicanalítico na pesquisa de Carlo Bonomi na década de 90 e só trazida em português em 2021 pelo esforço de Adela Stoppel de Gueller em publicar o livro *Por que ignoramos Freud o pediatra? A relevância da formação pediátrica de Freud para a origem da psicanálise* (BONOMI, 2021) que trouxe um novo olhar sobre a importância de Emma Eckstein na origem da psicanálise e o recalque desta importância. Curiosamente Bonomi em nenhum momento se refere ao livro de Eckstein. Será que o conhecia? Bonomi retoma uma descoberta já feita por René Spitz nos anos 50.

No início da sua profissão de médico, Freud trabalhou por 10 anos como pediatra. Na clínica em que trabalhou, meninas que eram diagnosticadas como tendo comportamentos masturbatórios excessivos eram cauterizadas na vagina e seu clitóris era retirado. A castração feminina de meninas e mulheres como prática médica era comum na Viena da segunda metade do século XIX. E parece que Emma Eckstein, quando menina sofrera esta castração e Freud o sabia, como aponta em uma das cartas a Fliess. A medicina considerava a masturbação o principal desvio de comportamento das crianças. O tratamento mais frequente e eficaz foram os procedimentos cirúrgicos, tais como castração e extirpação do clitóris. Adela Stoppel de Gueller (2021, p. 11-12) se pergunta por que ignoramos esta parte da pré-história da psicanálise e da formação de Freud? O próprio Freud em *A história movimento psicanalítico* (1914/1973, p. 1895-1930), nos despista ao dizer que o que conhecia de sexualidade infantil era a partir dos achados que remontavam ao passado no tratamento de adultos e que nunca tivera a oportunidade de observar as crianças diretamente. "Mas sabemos hoje que Freud atendeu crianças 3 vezes por semana, durante 10 anos. no Instituto Kassowitz de Viena" (GUELLER, 2021, p. 12). O que Freud viu e quis esquecer marca sua teoria do Complexo de Castração. Em *Inibição, sintoma e angustia* (1926/1973, p. 2833-2883), Freud insiste que a angústia de castração é real. Parece que isso não se deveu só a sua vivência corporal da circuncisão ritualística judaica, mas ao seu testemunho das extirpações clitoridianas das meninas. Bonomi nos diz que as cartas de Freud a Fliess, publicadas em 1985, revelaram a grande influência da análise de sua paciente Ema Eckstein na gênese e inclusive na revisão de sua teoria da sedução em 1897. Esse caso teria sido objeto de intenso debate porque no começo de 1895, numa tentativa pré-analítica de curar sua neurose, Freud deixou que sua paciente tivesse seu nariz operado por Fliess. O resultado desta operação mal executada foi que ela sangrou até quase morrer diante dos olhos de Freud (Este desmaia, o que trouxe o comentário de Emma: *Voilá le sexe fort! Veja o sexo forte!*). Esse choque foi remontado na cena principal do sonho de injeção de Irma, caracterizado por muitos como o momento em que a psicanálise nasceu. Nesta cena, uma paciente abre sua boca/vagina e Freud fica chocado pelo grande buraco horroroso. O elemento que faltava para trazer, que se repetiu na operação nasal e mais tarde de outras formas simbólicas por meio de fantasias, lembranças encobridoras e sonhos incluídos na *Interpretação dos sonhos,* era a vivência como observador da castração das meninas. Esta inferência está baseada no fato de que a última cena produzida por Emma Eckstein em sua primeira análise com Freud – ela fez uma segunda análise com ele entre 1909 e 1910 – foi

uma cena de circuncisão de uma menina, tal como aparece numa carta a Fliess de 24 de janeiro de 1897. Nascida em 1865, Emma fora uma vítima da insensatez médica de tratar a masturbação em meninas cauterizando a entrada da vagina e cortando o clitóris. A tese de Bonomi (2021) é: Emma Eckstein desenvolvera sintomas histéricos caracterizados pela alucinação de possuir um pênis após ter experienciado uma castração sofrida na infância. A verdadeira fonte inconsciente da doutrina falocêntrica de Freud é o fato de ele ter sido o depositário do pênis imaginário que Emma fantasiava. A reação psíquica de Emma a seu corte não somente conseguiu sobreviver a seu corpo carnal como chegou a se tornar uma relíquia secretamente preservada e adorada na cripta psicanalítica. Segundo ele, se a psicanálise é um prédio em eterna construção, a circuncisão de Emma Eckstein seria a pedra que os construtores rejeitaram. Em seus livros *The Cut and the Building of Psychoanalysis volume 1 e 2*, o psicanalista e historiador italiano Carlo Bonomi situou a relação entre Freud e Eckstein no centro de sua reinterpretação do processo de formação da psicanálise. A informação de que Freud foi pediatra é um achado arqueológico.

## Sabina Spielrein (1885-1942)[4]

Assim como Eckstein, a psicanalista russa Sabina Spielrein foi uma pioneira cuja importância na história da psicanálise foi profundamente ofuscada por questões pessoais e por seu histórico como paciente. Ela foi internada, aos 19 anos, na Clínica Burgholzli, em Zurique, com um quadro de histeria. Seu tratamento durou 9 meses e foi conduzido por Jung, que, pela primeira vez, aplicou a técnica psicanalítica em um tratamento. Durante sua estadia na clínica Burghölzli, ela começou a estudar, acompanhar discussões clínicas, auxiliar nos testes de associação aplicados aos pacientes, e se envolver em discussões sobre diagnósticos. Após uma carta de recomendação de Bleuler, ela realizou os exames para ingressar na Faculdade de Medicina da Universidade de Zurique e foi aprovada, iniciando o curso em 1905. Após ingressar no curso de medicina, Spielrein continuou a trabalhar na Burgholzli e a ter encontros em um misto de terapia e amizade com Jung até que, em 1908, desenvolveram uma relação amorosa.

4. Toda esta parte está baseada em CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas, volumes 1,2 e 3*, São Paulo: Blucher, 2021 e 2025.

Uma visão de seu percurso como psiquiatra, médica e psicanalista e de seus escritos permite perceber a dimensão de suas realizações inéditas no seu tempo histórico. A sua dissertação para obtenção da graduação em psiquiatria, intitulada *Sobre o conteúdo de um caso de esquizofrenia* (1911/2021) e publicada em 1911, não só foi a primeira tese de psicanálise defendida por uma mulher, mas consistiu no primeiro estudo psicanalítico do discurso esquizofrênico. Suas reflexões fazem parte da Nova Psiquiatria, movimento de implantação da psicanálise no coração da psiquiatria, que ocorreu em Burgholzli.

Entre outubro de 1911 e março de 1912, Spielrein frequentou a Sociedade Psicanalítica de Viena, tendo sido a segunda mulher a se tornar membro dessa Sociedade. Na reunião de 29 de novembro de 1911, ela proferiu a conferência "Sobre a transformação", na qual apresentou uma parte do artigo *A destruição como origem do devir* (1912/2021), publicado em 1912. Nesta conferência e em seu artigo dela derivado, entre outras ideias inovadoras, ela introduziu a hipótese do "instinto de morte". Ela antecipou em 9 anos a ideia de que existe um instinto destrutivo autônomo no psiquismo, além de outras hipóteses como a da existência de um funcionamento mental que antecede aquele regido pelo princípio do prazer, a existência de um masoquismo originário, e de que existe uma instância observadora, similar ao que Freud viria a propor com o seu conceito de Superego.

Freud estava presente na conferência de Spielrein e criticou o uso que ela fez da mitologia, atacando indiretamente Jung. Nessa época, a relação entre Freud e Jung já havia se tornado bastante tensa devido às ideias divergentes sobre a teoria da libido. Em carta a Jung de 30 de novembro de 1911, Freud comenta sobre a palestra feita por Spielrein no dia anterior. Ele diz a Jung: "O que mais me incomoda é que Spielrein quer subordinar o material psicológico a considerações biológicas; tal dependência não é mais aceitável do que uma dependência da filosofia, da fisiologia ou da anatomia cerebral" (McGUIRE, 1993, p. 476). Jung responde a Freud que Spielrein realmente opera demasiadamente com a biologia, e que essa característica é própria dela, não tendo sido aprendida com ele. Ele afirma ser a favor de a psicanálise operar dentro de seus limites, mas diz considerar bom "fazer incursões ocasionais em outros territórios e olhar nosso objeto através de um par de óculos diferente." (*Ibidem*, p. 477). Em carta de 10 de março de 1912, Jung pergunta se Freud já leu a versão preparada para publicação do artigo *A destruição como causa do devir*. Freud lhe responde que conhece apenas o capítulo lido por Sabina na Sociedade Psicanalítica de Viena e comenta: "Ela é muito brilhante; tudo o que diz tem significado; o seu impulso destrutivo não é muito do meu

gosto porque creio ser pessoalmente condicionado". (*Ibidem*, p. 499). Jung responde, em carta de primeiro de abril de 1912, que "o ensaio está sobrecarregado de seus próprios complexos". (*Ibidem*, p. 503). Assim, a opinião dos dois psicanalistas parece ser a de que o impulso destrutivo proposto por Spielrein tem a ver com seus próprios complexos, não podendo ser considerado uma característica universal do funcionamento mental. Como se sabe, passados oito anos, Freud publicou *Mais além do princípio do prazer* (1920/1973, p. 2541-2597) e, nesse período, parece ter repensado duas de suas objeções a Spielrein mencionadas acima: a busca de apoio na biologia para a teoria das pulsões e a ideia de que não é possível universalizar a hipótese de um instinto de morte. Em seu texto de 1920, Freud justifica seu conceito de pulsão de morte, sobretudo, a partir do conhecimento biológico. No entanto, a referência ao pensamento de Spielrein é parcimoniosa, restringindo-se a uma nota, no sexto capítulo do texto, em que ele fala do sadismo e masoquismo: "Em um trabalho muito rico em conteúdo e articulação, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma grande parcela dessa especulação. Ela caracteriza os componentes sádicos da pulsão sexual como os destrutivos." (*Ibidem*, p. 2596). Freud reconhece Sabina como antecipadora de boa parte das especulações que oferece em seu texto sobre a pulsão de morte, os componentes destrutivos da sexualidade e a possibilidade do masoquismo originário. Freud poderia tê-la citado em vários momentos de seu ensaio, não apenas pelas semelhanças entre suas ideias, mas também pelas diferenças. A posição de Spielrein sugere um dinamismo ativo em jogo no tema, que questiona a própria perspectiva de Freud, do psíquico impelido pelo desejo de tranquilidade e inércia. O que impulsiona a transformação e a construção (criação), diz ela, é a pulsão de destruição.

O ensaio inovador *A destruição como origem do devir* teve para ela o valor de uma espécie de filho simbólico com Jung, quer dizer, ambos abriram mão de sua relação amorosa e então representou para ela o destino pulsional desse amor. Após a fria recepção de seu artigo por Jung e a tentativa de postergar por seis meses a sua publicação para que saísse depois da segunda parte de seu próprio texto, ela se dá conta que Jung está usando os conceitos que ela forjou, e que eles compartilharam na troca afetiva-intelectual muito grande que tiveram e ela escreve para Freud reclamando disso. Freud já tinha intervindo na relação deles e o que aconteceu nesse triângulo foi uma das razões não teóricas da ruptura final entre Freud e Jung. Ele responde-lhe que tudo o que ela escreve era importante, que ele aceitava totalmente sua concepção da prioridade em questão e diz que vai falar com Jung e insiste que ela venha se analisar com ele

para se corrigir da dependência dela a Jung. E Freud fala com Jung que a cita 11 vezes na segunda parte de *Metamorfose e símbolos da libido* (JUNG, 1912/1999).[5] Mas o interessante é que depois que Jung lê o manuscrito como editor da revista *Jarbuch*, escreve pra ela assim "estou surpreso com a abundância de excelentes pensamentos que antecipam muitas das minhas ideias.". Diz que estava feliz que os outros vejam as coisas da mesma maneira que ele e diz "tomara que o vovô Freud tenha a mesma alegria que eu tive com esse fruto do seu espírito". Mas para Freud, ele se expressa de uma maneira totalmente diferente sobre o ensaio dela. Ele escreve esta frase em latim contundentemente misógina: "d*esinat in piscem mulier formosa superne*", "de forma que termine em horrível peixe o que em cima é uma formosa mulher" (McGUIRE, 1993, p. 503) e ainda ele diz que o trabalho é profundamente marcado por complexos. Horrível peixe se refere aos fluidos vaginais e Spielrein aponta em seu ensaio, décadas antes de Lacan no seminário 10, que a angústia sexual tem a ver com a dissolução do eu no gozo sexual, direcionando para o feminino e o magma original suas reflexões sobre o amor, a sublimação e a origem da palavra. Eis uma grande tentativa de desautorização da autoria visionária de Spielrein.

Ainda em 1912, Spielrein publicou o texto *Contribuições para o conhecimento da alma infantil*, seu primeiro trabalho sobre psicanálise infantil – área à qual dedicou grande parte de suas atividades nos anos seguintes. Ela foi, assim, uma das pioneiras da psicanálise infantil, fato ainda pouco conhecido

Em 1920, Spielrein apresentou, no Congresso de Haia, uma versão inicial da sua teoria sobre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. A plateia incluía Anna Freud e Melanie Klein. Dois anos depois, ela publicou sua teoria desenvolvida no texto *A origem das palavras infantis papai e mamãe: algumas observações sobre os diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem* (SPIELREIN, 1912/2021). Nesse texto, ela explica como ocorre o processo de surgimento da linguagem verbal na criança, assim como as características psicológicas das diferentes etapas do desenvolvimento da linguagem. Em seus textos subsequentes, *Algumas analogias entre o pensamento infantil, o do afásico e o pensamento subconsciente* (1912/2021) e *O tempo na vida psíquica subliminar* (1912/2021) a autora continua desenvolvendo sua teoria sobre a linguagem e o pensamento da criança. Em 1920, Spielrein mudou-se para Genebra para atuar no *Instituto Jean-Jacques Rousseau*, onde conheceu Piaget, com quem teve uma rica interlocução teórica. Em 1923, retornou para a Rússia e se tornou membro da *Sociedade Psicanalítica Russa*,

5. O título foi mudado por Jung quando foi editado em livro.

que havia sido recentemente criada por Wulf, Ermakov e Alexander Luria e da qual fazia parte Lev Vygotsky. Na Rússia, publicou três textos, entre os quais o inovador *Desenhos infantis de olhos abertos e fechados* (1931/2021), onde aborda de que maneira o pensamento se origina a partir das imagens cinestésicas corporais. Após passar um ano em Moscou, Spielrein retornou para sua cidade natal, Rostov-sobre o- Don, onde viveu até sua morte junto com suas filhas, nas mãos dos nazistas, em 1942.

Apesar da originalidade do pensamento de Spielrein e de seu pioneirismo em várias áreas, por um longo período, ela foi lembrada apenas pela nota de rodapé de *Além do Princípio do Prazer*. Ela começou a reemergir na história da psicanálise após a publicação por McGUIRE, em 1974, da correspondência entre Freud e Jung, em que é várias vezes mencionada. No entanto, o interesse por ela se intensificou principalmente após a publicação do livro *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud* (CAROTENUTO, 1984), o qual contém um comentário sobre a vida e o pensamento de Spielrein, assim como partes de um diário e algumas cartas que ela enviou a Jung e a Freud. Esse material tinha permanecido guardado na biblioteca do *Instituto de Psicologia da Universidade de Genebra* desde sua partida para a Rússia, em 1923, e foi descoberto, em 1977, por Carlo Trombetta, que foi quem os entregou a Aldo Carotenuto. Esse foi um achado arqueológico. O interesse por Spielrein despertado a partir da publicação de Carotenuto; no entanto, se concentrou inicialmente, sobretudo, em sua biografia, em especial em sua relação amorosa com Jung, a qual foi explorada em filmes, peças teatrais e diversas publicações. Isso contribuiu para que sua contribuição teórica e clínica para a psicanálise e a psicologia permanecesse em segundo plano. A publicação das obras completas de Spielrein em português[6] por mim, é uma contribuição aos esforços de resgatar e fazer justiça ao trabalho teórico e clínico brilhante dessa autora. Todos os textos foram traduzidos por Renata Dias Mundt.

O Volume 1 e o Volume 2 das Obras Completas trazem os 34 ensaios e artigos de Spielrein conhecidos até agora que dão conta de sua contribuição pioneira, sua metapsicologia própria, baseada principalmente em Freud e sua contribuição pioneira no campo da origem da linguagem, do pensamento e da imagem corporal e visual na constituição do processo de simbolização e no campo da psicanálise com criança. Eles são acompanhados de ensaios que si-

6. CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas, volumes 1,2 e 3*, São Paulo, Blucher, 2021, 2021 e 2025.

tuam o ambiente em que foram escritos, sua posição geográfica no trajeto da sua história pessoal e familiar, bem como da história das instituições psicanalíticas, educacionais e de saúde nas quais trabalhou em Berlim, Lausanne, Genebra, Moscou e Rostov-sobre-o-Don, além de algo sobre a história política do período que abrange sua vida como psicanalista e médica, durante a qual escreveu. Ao final, são apresentadas reflexões sobre a contribuição pioneira de Sabina Spielrein. O prefácio do volume 1 é de Silvia Alonso e o do volume 2 é de Adela Stoppel de Gueller.

O volume 3 traz o começo da escrita de Sabina Spielrein por meio de seus quatro diários russos, uma análise dos desenhos feitos por Spielrein em sua internação em Burghölzli, os quatro diários alemães e três momentos da correspondência de Sabina Spielrein. O primeiro é a correspondência entre Sabina Spielrein e Carl Gustav Jung de 1904 a 1912. Essa correspondência e o diário alemão de 1909 a 1912 constroem a narrativa dessa relação triangular que tantos efeitos teria nos desdobramentos teóricos da psicanálise, na ruptura entre Freud e Jung e na separação entre Spielrein e Jung. O segundo momento é sua correspondência com Sigmund Freud de 1909 a 1914. O terceiro momento é a correspondência entre Sabina Spielrein e Carl Gustav Jung entre 1917 e 1919, precioso documento sobre o final da relação entre Jung e Freud e as divergências entre eles, bem como a tentativa de Spielrein de reconciliá-los e também expor seu próprio pensamento. A partir das cartas trocadas, dá destaque às considerações desses personagens intelectuais, Spielrein, Freud e Jung, sobre o judaísmo e o antissemitismo. Ele conclui apresentando as razões do esquecimento do pioneirismo de Sabina Spielrein por sessenta anos. O prefácio é de Renato Mezan e o posfácio da trilogia é de Jô Gondar.

A correspondência e os diários alemães confirmam o quanto a escrita de Sabina Spielrein foi efeito do fim de sua análise com Carl Gustav Jung (1865-1961). Sigmund Freud (1856-1939) interferiu na relação entre Jung e Sabina de uma forma que permitiu a ela transferir seu desejo erótico para a escrita de sua própria "*poesie*", sua obra. Essa era a metáfora que adotava quando queria falar de seus encontros amorosos e de intercâmbio intelectual com Jung, como vemos na sua correspondência e em seu último diário. Uma crescente descoberta da vida e da importância da obra de Sabina Spielrein vem sendo feita em vários lugares do mundo, essa obra que sempre esteve aí publicada nas principais revistas de psicanálise, mas foi esquecida. Forças políticas, forças institucionais e da política da teoria foram mais fortes e se tornaram forças de recalcamento dessa obra. Eu tive a intenção de dá-la a conhecer uma segunda vez, em português, não como relíquia, mas por sua viva atualidade. Ela parti-

cipou do inconsciente de Freud, Jung, Piaget, Vigotsky, Luria, Ferenczi e Klein, que teorizaram a partir de suas inovações visionárias.

Sabina Spielrein nos deixa um devir pela maneira em que foi força instituinte, guerreira três vezes de maneira transdisciplinar com a psiquiatria, com a educação e com a neurociência, campos nascentes que ela pôs em contato de maneira inédita preservando a psicanálise como a sua força imanente central dos desdobramentos de suas criações, trazendo compreensões inéditas da loucura, da linguagem e do pensamento infantil, formulando uma teoria da simbolização entre o corpo e o pensamento para torná-lo vivo, simultaneamente singular e universal, inventando formas terapêuticas, criando na atualidade renascida e renovada de sua obra, novos devires.

## Para concluir

Para concluir[7], aponto que a feminilidade aparece sempre se redizendo. Deixá-la ser dita, é tomar a vertente criativa da realidade, vertente criadora de realidade. Dizer que o corpo da mulher não **é inteiro, não é dizer que ele não tem o pênis/falo ou só possa ser objeto fálico. É dizer que na sua sexualidade ele** não se deixa domar inteiramente pela lógica da linguagem simbólica, não se deixa representar inteiramente e quem quiser a inteireza de sua manifestação deve mergulhar numa outra lógica que positive suas sensações, seus líquidos, suas imagens e o buraco que dá **acesso** às origens, às forças cósmicas, mergulho regressivo menos a um passado mítico ou a um cosmos mistificado, do que no movimento criativo constante, morte - renascimento, repetição diferencial, eterno devir. O feminino positiva-se no "entre", nas brechas, nos interstícios, enquanto devir/acontecimento, fuga das significações dominantes que o aprisionam em domínios. É neste sentido que podemos pensar a diferença entre identidade feminina e feminilidade. A identidade tem a ver com o universo da representação, com o mundo fálico-simbólico, onde a nomeação, as posses egoicas permitem uma certa estabilização que tem a ver com papéis, a manutenção de uma imagem sexual narcísica para si e para os outros a partir de se assumir funções simbólicas. É nesse caminho que a maternidade pode se tornar uma espécie de destino final da identidade feminina. Já **a feminilidade**

7. As ideias aqui apresentadas partem de CROMBERG, R. U. Un corps qui tombe... un corps qui se releve, féminité... autrement dite. In: ANDRE, J. (Org.). *La féminité autrement*, Paris: PUF, 1999. p. 75-116.

**é o que** dá **suporte a isto, mas nunca perde de vista o devir pulsional que aponta para valores sexuais em constante** transformação, reimaginarização, ressensualização e reerotização. Valores sexuais que não são investimentos morais, mas sim intensidades, o que lhes dá **o** caráter de investimentos afetivos que diagramam uma ética como invenção singular da vida.

Relançar-se em novas bases simbólicas, dando um lugar menos sacrificial ao corpo acolhendo as brumas criadoras e criativas do feminino. Positivar o corpo feminino tanto nas manifestações pulsionais da maternidade quanto do gozo sexual permite desfazer as dicotomias das representações imaginárias a que a mulher ficou lançada e aprisionada pelo mundo dominado apenas pela lógica fálica e patriarcal (a santa e a puta, a mãe-virgem Maria e a filha abnegada, a rainha dominadora e a princesa dominada). Recolocar o campo da sexualidade superando a lógica infantil edípica e genital é desconstruir lentamente uma engrenagem de pensamento que tem se mostrado tão emperrada para poder apontar para uma outra duração, não pautada pela concepção de tempo linear, essa criação humana.

É esta possibilidade de passagem do que é vivido no gozo sexual no plano do corpo ao sentido psíquico, que gera um estar no mundo simbólico de modo criativo e singular que compõe uma erótica do cotidiano não mais incompatível com o social, mas criadora de uma sociabilidade de redes e conexões, não mais comandada pelo mito de um poder patriarcal centralizador, comandado por uma voragem cruel superegoica que reforça cada vez mais em minúcias, suas exigências. Uma simbólica pautada pelo feminino em um lugar central requer um mito, que substitua o único mito da época moderna, o do assassinato do pai em *Totem e tabu*. Um mito que que leve em conta as razões femininas e não só as masculinas para a proibição do incesto. Que dê conta de um Feminino que envolve, constituinte das tessituras em rede e de um Eu pós-fálico, não superegoico, já **fora do referente** fálico narcísico, que não tenha que permanecer nas contendas super-egoicas, herança de uma relação de amor/ódio/idealização do pai.

Mas vivemos um momento de assombro com o número crescente de feminicídios o aumento da violência sexual a mulheres e crianças no mundo, a constatação da diminuição da idade dos homens que manifestam ódio às mulheres na machosfera e manosfera nas redes sociais. Como podemos pensar o fato de que os corpos femininos vão sendo continuamente tomados como corpos dóceis a serem apossados à revelia dos sujeitos mulheres? Poderá a psicanálise continuar a ser "a curadora de uma cultura emancipatória para os corpos femininos" (FONTELLES, 2025) subjugados por milênios?

Esperancemos com Shakira, em seu show nas areias de Copacabana em 2026: as mulheres já não choram, elas faturam a criatividade que emana da sua feminilidade, de seu corpo feminino.

**Referências**

BONOMI, C. *Porque ignoramos Freud o "pediatra?* São Paulo: Zagodoni, 2021.

CAROPRESO, F.; CROMBERG, R. U. Apresentação. In: *Mulheres pioneiras da psicanálise, uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta simetria:* Sabina Spielrein entre Jung e Freud. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1984.

CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein:* uma pioneira da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 1).

_____. *Sabina Spielrein:* uma pioneira da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 2).

_____. *Sabina Spielrein:* uma pioneira da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2025. (Obras completas, 3).

_____. Un corps qui tombe... un corps qui se releve, féminité... autrement dite. In: Andre, J. (Org.) *La féminité autrement*. Paris: PUF, 1999.

ECKSTEIN, E. (1904). A questão sexual na educação da criança. In: *Mulheres pioneiras da psicanálise, uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

FONTELLES, C. B. C. *Sobre o desejo de submeter e a vulnerabilidade à submissão dos corpos femininos:* reflexões à luz da psicanálise. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica. São Paulo: COGEAE-PUC, 2025.

FREUD, S. (1895/1950). *Proyecto de una psicologia para neurologos*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. (Obras completas, Tomo I).

_____. (1912). *Sobre la degradacion general de la vida erótica*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. (Obras completas, Tomo II).

_____. (1914). *Historia del movimento psicoanalítico*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. (Obras completas, Tomo II).

_____. (1920). *Mas alla del principo del placer*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. (Obras completas, Tomo III).

_____. (1926). *Inibición, sintoma y angustia*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. *(Obras completas, Tomo III).*

GUELLER, A. S. Prefácio. In: BONOMI, C. *Por que ignoramos Freud o "pediatra?* São Paulo: Zagodoni, 2021. p. 11-19.

JUNG, C. G. (1912). *Símbolos da transformação da libido*. Petrópolis: Vozes, 1999. (Obras completas de Carl Gustav Jung, v. 5).

McGUIRE, W. *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Jung*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

NASZKOWSKA, K. Prefácio. In: *Mulheres pioneiras da psicanálise, uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025. p. 9-25.

PELICOT, G. *Um hino à vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

SIMANKE, R. T. Paciente, analista, autora. In: *Mulheres pioneiras da psicanálise, uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025. p. 27-30.

SPIELREIN, S. (1911). Sobre o conteúdo de um caso de esquizofrenia. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 202. (Obras completas, 1).

_____. (1912). A destruição como origem do devir. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 1).

_____. (1912). Contribuições para o conhecimento da alma infantil. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise.* São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 2).

_____. (1912). A origem das palavras infantis papai e mamãe: algumas observações sobre os diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise.* São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 2).

_____. (1912). Algumas analogias entre o pensamento infantil, o do afásico e o pensamento subconsciente. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise.* São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 2).

_____. (1912). O tempo na vida psíquica subliminar In Cromberg, R.U., *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise.* São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 2).

_____. (1931). Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. In: CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise.* São Paulo: Blucher, 2021. (Obras completas, 2).

**Tramitação**

Recebido 17/05/2026

Aprovado 15/06/2026